

A LITERATURA COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO DOCENTE – UM ENTRE-LUGAR A SER VISITADO

JANINE BOCHI DO AMARAL (UFSM), IVETE SOUZA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA), VALDO BARCELOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-UFSM).

Resumo

As reflexões apresentadas nesse texto se referem a estudos e pesquisas que tem como objetivo mostrar a possibilidade de tomar-se a literatura como um território de formação docente. Apoiamo-nos na proposição feita por Barcelos (2001) quando esse autor propõe que a leitura e a escrita podem ser tomadas como um território de produção de conhecimento na educação. Ou seja, que a leitura tem um papel para além daquele tradicionalmente a ela atribuído, que é o de ser um meio, um artifício, um recurso, enfim, um instrumento para se chegar àquilo que se quer “ensinar” aos educandos. As relações que podem se estabelecer no momento da leitura e da escrita são temas para muitos e para inesgotáveis estudos e pesquisas. Mas o que ler? Quando ler? Para que ler? O que tem que ver leitura e educação? Leitura e vida? Leitura e felicidade? Queremos entender o processo de produção e não da descoberta do conhecimento. Como a subjetividade de leitura é produzida/construída? O professor não é um artista, na busca incansável de modos para o aluno aprender? Ou é apenas um copiador que reproduz conhecimentos já produzidos? Como tornar a arte e a magia da literatura presente na sala de aula? Como fazer da arte não apenas uma ferramenta ou um meio, mas, sim, um lugar de produção de conhecimento? Não somos seres inanimados, somos inacabados (Freire, 1997). Precisamos nos engajar em uma compreensão interpretativa e que não pode ser separada de seus processos interrelacionais e, cada vez mais, interculturais (Fleuri, 2003; 1998). Defendemos a necessidade de relacionarmos leitura e educação como um espaço/tempo capaz de produzir conhecimento. Concluimos que a literatura é uma possibilidade a mais no sentido de ampliar nosso repertório de vivências formativas em geral e de formação docente em particular

Palavras-chave:

Literatura, Formação docente, Produção do conhecimento.

"Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver".

(Bertold Brech)

Introdução...ou um convite à leitura

Ao iniciar estas reflexões, que dizem respeito as possíveis contribuições da literatura para a formação docente, queremos destacar a epígrafe tomada emprestada de Brech. Tratamos aqui, especificamente sobre a arte da literatura.

Historicizando o surgimento da literatura, encontramos algumas curiosidades. A literatura nasceu na Grécia Antiga e chamava-se *poesia*. Sua função primeira era divertir a nobreza, entre uma guerra e outra. Empregada como instrumento, era a língua dos poetas, significava o desprezo pela fala popular. Era intelectual e direta.

Na escola moderna era uma disciplina obrigatória. Muito tempo depois é que vamos utilizar a nomenclatura atual.

Hoje a literatura é institucionalizada e assume um caráter linguístico. A literatura está associada à leitura, pois, através da leitura de um texto literário, por exemplo, podemos acionar nossa fantasia, suscitar o posicionamento intelectual (Ziberman e Silva, 1990). É sabido que a literatura permite a expansão de fronteiras já conhecidas. E mesmo quando realizada individualmente, é capaz de aproximar as pessoas, uma vez que é considerada uma atividade social. Ao lermos, socializamos experiências, discutimos preferências, checamos conclusões. A literatura, portanto, estimula diálogos, promove a troca de experiências, aguça os confrontos de ideias. Podemos perceber que a leitura proporciona, também, o desenvolvimento da sensibilidade, além da já reconhecida participação na produção do conhecimento. Barcelos (2001) defende que a leitura e a escrita podem ser tomadas como um território de produção de conhecimento. Ou seja, o autor defende que a leitura tem um papel para além daquele tradicionalmente a ela atribuído, qual seja, o de ser um meio, um artifício, um recurso, enfim, um instrumento para se chegar àquilo que se quer "ensinar" aos educandos. Talvez, na aceitação deste ir além do papel da leitura o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998) dizia que a leitura seria como uma espécie de viagem que se faz, com o corpo quieto e a alma agitada. Esta comparação entre o ato de ler e o viajar é muito bem apresentada, também, pelo escritor moçambicano Mia Couto, quando este afirma que a viagem por um livro faz com que percorramos distâncias, e atravessemos nossas fronteiras interiores. Porém, curiosamente, para ele, a viagem proporcionada pela leitura, acontece verdadeiramente quando acordamos e nos percebemos fora de nosso próprio corpo. Algo como se estivéssemos "morando" no "Último onde podemos ter casa" (COUTO, 2006:65).

Ler, viajar, fantasiar, inventar, aprender. Autor, leitor, texto, sociedade, eu/nós e os outros. As relações que podem se estabelecer no momento da leitura e da escrita são temas para muitos e para inesgotáveis conversas. Mas o que ler? Quando ler? Para que ler? O que tem que ver leitura e educação? Leitura e vida? Leitura e felicidade? Por falar em leitura e felicidade lembramos do que diz o poeta e ensaísta argentino Jorge Luis Borges (1899-1986). Para este escritor, feliz mesmo é o leitor, pois, pode escolher o que lê. Já, o escritor, raramente é feliz, pois, nem sempre escreve o que quer escrever, mas, sim, o que consegue...escrever (BORGES, 1999).

Com esta breve introdução queremos deixar um convite à leitura deste texto como se ele fosse aquela "cidade feita de letras" de que nos fala o poeta Octavio Paz. Assim como mudam as cidades a cada viagem, mudam, também, os textos a cada leitura.

Boa leitura...viagem. O desembarque pode ser feito a qualquer hora e em qualquer página!

Literatura e formação docente

O caminho que percorremos, enquanto educadoras(es), é muitas vezes árduo, e outras tantas vezes acabamos nos desiludindo. E nessas desilusões acabamos por acreditar que não há muito que buscar fora da educação. Reproduzimos teorias de autores de outros países que, em muitas vezes, quase nada tem a ver com a nossa realidade.

A fragilidade dos cursos de formação dos professores e delimitação/especificidade dos cursos de pós-graduação, que contribuem para gerar o caos que vivenciamos na formação dos professores é evidente. Nietzsche falava em "especialistas em rachar fios de cabelo ao meio". Parece ser um pouco o que nos tornamos, infelizmente. Somos esses especialistas, quando apenas repetimos teorias importadas e deixamos de criar.

Nessa perspectiva, recorreremos ao criador do Teatro do Oprimido Augusto Boal, que junto com Paulo Freire é um dos educadores brasileiros conhecidos e mais respeitados no mundo inteiro. Boal (2006- Contra-capa) diz que:

todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros.

É neste sentido que se pode dizer que todos nós, enquanto professores, também criamos, ou podemos criar.

Enquanto profissionais da educação, podemos recorrer (ou percorrer, literalmente) a outras áreas, a outras "prateleiras" que não, exclusivamente, as da educação. Pensamos que a fragmentação no processo educativo do saber fez com que buscássemos apenas conhecimentos ditos específicos, que fragmentaram o ser humano, o qual deixou de ser visto como um todo, bem como um permanente vir a ser. Ou como ensinava Freire (1997), um ser inacabado.

É possível buscar na literatura e nas autobiografias vivências formativas. Talvez seja por isso o sucesso dos livros de autobiografia ou as revistas que mostram as caras e as vidas das pessoas.

Algo que nos chama muito a atenção é o fato de inúmeras vezes, durante as aulas, quando o professor sugere uma obra literária para leitura, os alunos queiram que o professor diga o que é para ser pensado através do texto. Esta postura deve-se ao fato de estarmos habituados a ler um livro para determinado fim. A leitura é um meio, não apenas uma técnica, mas um território de produção de conhecimento (BARCELOS, 2001).

O pedagogo espanhol, Jorge Larrosa Bondía (2002:17), ao pesquisar a obra do pensador Friedrich Nietzsche (1844-1900) constatou que para este filósofo "a experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto, mas em vivê-lo. E é a partir deste ponto de vista que, ler, coloca em jogo o leitor em sua totalidade".

Como se estabelecem as relações entre a literatura e a educação em geral e, em particular, com a formação docente? Como a literatura pode contribuir para a construção do conhecimento em educação em geral e, em particular, para a formação docente levando em conta a produção do ser professor? Essas são questões merecem reflexão.

Paulo Freire (1994), já ensinava que "*a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele*". Ao olharmos para a história da educação podemos perceber que o processo de aprendizagem da leitura se constitui numa dificuldade histórica desde o momento em que apenas a elite era alfabetizada. O trabalhador não precisava, nem interessava aos dominantes, que os mesmos aprendessem a ler e a

escrever. Sem falar na educação das mulheres e dos jovens, que era ainda mais negligenciada.

Muito tempo depois, nasceu a necessidade de que amplos setores da sociedade também tivessem o direito de aprender a ler. Essa leitura era apenas uma leitura instrumental. Usada para decodificar as palavras, com a finalidade de aprimorar o trabalho técnico. A leitura realizada de forma desinteressada, prazerosa, continuava sendo um privilégio apenas daquelas(es) que possuíam tempo livre. A literatura era renegada, deixada de lado, ou vista como algo desnecessário para setores não elitizados da sociedade.

O nosso processo de leitura, enquanto povo colonizado, não deixou por menos. Seguiu os mesmos percalços, com as mesmas dificuldades. Essa afirmação é ratificada por Marisa Lajolo (2000), quando ela nos conta que:

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola (p.106).

Pensamos ser fundamental relacionar leitura e educação. A leitura que nos referimos é a leitura como "território" de produção de conhecimento (BARCELOS, 2001). Não a técnica da leitura em si, não a leitura instrumental apenas. Mas uma leitura que se relaciona com a subjetividade. A leitura como atividade humana. Uma leitura realizada num espaço/tempo, capaz de produzir conhecimentos.

Mais especificamente, podemos falar da leitura do texto literário. Aquele texto que proporciona um contato mais livre e prazeroso com os livros de literatura. Que desperta o gosto de ler. E conseqüentemente, de escrever. Em seus achados, Barcelos (2001) nos mostra que a literatura é produtora de cultura:

A literatura, como outras manifestações da arte, pode constituir-se em mais um território de acontecimento da aprendizagem. Uma escola não formal da e pela vida, à medida que possibilita aos homens e mulheres um pouco mais de conhecimento sobre si mesmos e sobre sua história, sua cultura. Enfim, sobre seu devir no mundo social (BARCELOS, 2001:189).

A literatura nos faz diferentes. Faz com que possamos perceber o mundo e o que nele está incluído, de forma mais crítica e criativa. A leitura, nesse sentido, abre espaços de interrogação, pois nos permite (re)visitar nosso mundo interior ou mundos interiores. Descobre novo(s) mundo(s). Além disso, a literatura não apenas ilustra, decora, ornamenta. Ela constitui, inventa, possibilita a criação de sensibilidade. Pensamos, então, que os professores que lêem têm muito mais a contar, a dizer. Nessa direção, Lajolo (2000) aponta que:

a discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê (LAJOLO, 2000: 108).

O texto literário seja ele um poema ou uma narrativa, não tem uma finalidade pré-estabelecida. Sua função ou finalidade - se é que é necessário lhe atribuir alguma - ,

é atribuída por aquele que lê. Podemos concordar ou discordar de um texto, propondo novas leituras.

É salutar (re)lembrar que a história da humanidade está dividida em Pré-história (que era a época onde não havia a escrita) e a História. Assim, antes da escrita, as histórias eram passadas de geração a geração e perpetuadas através da História Oral. Na infância, muitos de nós, ouvíamos histórias que eram contadas principalmente por nossas queridas avós. Poderia haver variação nas histórias e na pessoa que comunicava, que fazia a nossa conexão com o universo da literatura. Logo que começamos a nos desenvolver e crescer, passamos a manipular livros e fazer nossas próprias leituras com os cinco sentidos[1]. E diríamos mais: com o sexto sentido também.

Hoje essa fantástica introdução à magia das letras, das palavras, das histórias, não raras vezes, é abnegada. Basta ligar a televisão ou a tela do computador e lá estão os "educadores", a contar histórias. Não que isso seja ruim, mas esse universo de imagens muitas vezes inibe a imaginação. Não é sem um motivo que Kafka não queria que seu livro *Metamorfose* fosse ilustrado, permitindo a cada leitor a liberdade de imaginar.

Acreditamos que aquele que lê tem condições de aprender com mais facilidade outras áreas do saber. Não só porque a literatura dialoga com outras áreas, mas também porque o leitor aprende a interpretar, ver além do texto, amplia a sua consciência.

Vivemos em um tempo de urgências. Parar para ler uma obra literária pode parecer "perda de tempo". Esquecemos que podemos aprender história, geografia, matemática, física, lendo um livro. Aprendemos a arte de viver, de conviver, de conhecer...

No livro *Amor, poesia, sabedoria*, o pensador francês Edgar Morin nos fala de duas rupturas ocorridas entre os estados da prosa e da poesia. Morin (2003) nos lembra que na Renascença se desenvolveu uma poesia mais profana e a partir do século XVII, ocorre a separação entre a cultura científica e técnica e a cultura mais humanista, literária, incluindo a poesia.

Através da leitura podemos nos surpreender, emocionar, divertir, imaginar, transformar, passar o tempo. Ler nos possibilita outras vivências. As ideias contidas em um texto literário nunca são prontas, acabadas. É permitido que o leitor dialogue, reflita, compare, duvide. Diferentemente do texto informativo, no texto literário o leitor é quem atribui significados ao texto. Para Marisa Lajolo (2000):

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a sua história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e, capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. Em resumo, o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros (LAJOLO, 2000: 106-107).

O texto literário transita pelo universo intimista das pessoas: seus anseios, desejos, (in)certezas. Ele é capaz de aguçar a curiosidade, inquietar, perturbar, criar esperanças, despertar a sensibilidade, a inteligência.

Além de comunicar, o texto literário também provoca, aguça os processos criativos, expressando visões de mundo e valores. É escrito por homens e mulheres que se relacionam histórico e socialmente.

O professor tem um papel muito importante para o desenvolvimento desse processo de leitura. Para Larrosa (2003, p.11), "o professor puxa e eleva, faz com que cada um se volte para si mesmo e vá além de si mesmo, que cada um chegue a ser quilo que é". Larrosa diz que a leitura propicia ao leitor abrir-se a sua própria metamorfose. É ainda Larrosa (2003) o autor que nos mostra:

O eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está pra ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado (LARROSA, 2003: 9).

É neste sentido que a leitura, e mais especificamente, a leitura da obra literária, possivelmente poderá contribuir para a formação do professor como um ser completo, complexo. Pensamos que conhecer é criar e não apenas descobrir. Lajolo (2000) nos diz que:

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro (LAJOLO, 2000: 108).

Muitos pais e até mesmo os profissionais da educação, como os professores, costumam dizer que ler não é estudar. Se pensarmos, para além do texto, ler é estudar sim! De outra forma, mas nesta linha de pensamento Barcelos (2001) ainda nos mostra que

O texto literário configura-se, assim, como um 'pedaço de mundo', um 'fragmento da história', permanentemente aberto às mais diferentes disciplinas do conhecimento, (história, física, filosofia, sociologia, antropologia, matemática, biologia...), bem como, às mais complexas manifestações humanas (artísticas, religiosas, políticas, afetivas, demens, ludens...). Texto, leitura, e mundo neles representados são, portanto, inseparáveis. São parceiros. Unem-se. Sem, no entanto, se dissiparem, mantendo cada um suas identidades (BARCELOS, 2001: 194).

Assim tomada, a literatura pode se constituir em uma possibilidade de estabelecimento de interlocuções educativas, pois como chama a atenção Silva (2002), "*não acreditar que o trabalho de leitura na escola é tarefa única e exclusiva do professor de língua portuguesa*". Silva (2002), diz ainda, sobre isto, que:

Historicamente, vem sendo atribuída ao professor de Língua portuguesa a responsabilidade de trabalhar com leitura como parte do ensino que lhe compete: o da língua. Isso se dá porque ainda se acredita que se resolverão todos os problemas de compreensão de um texto se se trabalharem as palavras e frases (língua) que nele aparecem (SILVA, 2002: 36).

Assim vista, a leitura aflora sentimentos, como medo, raiva, prazer, alegria, nostalgia, empatia. De outra forma, mas dando um sentido mais simbólico e lúdico para o ato de ler Larrosa (2003: 27), diz que *"O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isso é: saber rir, saber dançar e jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos"*. A leitura faz com que possamos transcender as nossas próprias vivências, proporcionando momentos únicos de aprendizagem. A leitura, assim, proporciona prazer e sabedoria. Para Lajolo (2000: 07) *"ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive"*. Sobre esta estreita vinculação entre leitor/texto/mundo é importante o que nos ensina Kramer (2001) ao afirmar que:

O pretexto da leitura querida, escolhida, procurada, conquistada é o da liberdade; o subtexto da leitura-obrigação é a obediência. Entre uma e outra, múltiplas formas de ação e criação de leitura. Superando dialeticamente uma e outra, é preciso garantir condições de produção de leitura (KRAMER, 2001: 150).

O aluno não lê! Costumamos dizer, alarmados, enquanto professores. Mas e o professor? Ele é um leitor? Ele realmente lê todos os livros que ele próprio indica, em suas aulas, para leitura? E quando o professor lê, o que ele lê? E por que razões decide ler? Quem o influencia nestas escolhas?

É importante que atentemos para algumas destas perguntas, pois, talvez, assim pudéssemos entender, por exemplo, porque ainda é comum no Brasil aquilo que Kramer (2001) critica ao dizer que mesmo nos espaços educativos escolares os professores continuam usando os textos literários para "ensinar" as diferentes disciplinas e/ou "facilitarem" o aprendizado dos conteúdos programáticos. Kramer (2001) é enfática na valorização da leitura, em especial do texto literário, no processo de formação da pessoa, pois segundo ela:

Entender que o gosto é produzido historicamente permite também revalorizar a importância de recontar, de rememorar a história vivida, coletivamente, para que seja possível compreender o gosto e superar o desgosto ou o contragosto em relação à leitura (KRAMER, 2001: 191).

Parafraseando o pedagogo Jorge Larrosa (2003), queremos dizer que muito provavelmente nós, mulheres e homens, não possamos ser outra coisa senão um jeito muito particular de contarmos e recontarmos aquilo que pensamos que somos. Pois, para contarmos o que somos, talvez, não tenhamos melhor maneira de fazê-lo senão revisitando nossa biblioteca na busca das melhores palavras para dizer de nós.

A literatura como pesquisa: um entre-lugar da formação docente

É sabido hoje em dia, que a pesquisa social não é uma atividade neutra. Essa visão positivista das ciências sociais, que no século passado adotou o modelo das ciências naturais, foi aos poucos sendo abandonada, dando lugar à visão de que não há neutralidade no pesquisar.

Enquanto seres humanos nós somos aquele que olha e que é olhado em nossas investigações. Não somos seres inanimados. Precisamos nos engajar em uma compreensão interpretativa e que não pode ser separada de seus processos interrelacionais e, cada vez mais, interculturais (FLEURI, 2003; 1998).

É neste sentido que Fleuri (2003) nos mostra que a intercultura é um campo complexo, em que se entretecem múltiplos sujeitos sociais, diversas perspectivas epistemológicas e políticas, diversas práticas e variados contextos sociais. As implicações trazidas pela intercultura são importantes para o campo educacional. Segundo Fleuri (2003):

A mais importante implicação constitui-se na própria concepção de educação. A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser assumida como um processo de formação de conceitos, valores, atitudes baseando-se numa relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzida por procedimentos lineares e hierarquizantes. A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente *formativo*, ou seja, estruturante de movimentos de *identificação* subjetivos e socioculturais (FLEURI, 2003: 32).

Para Santos Filho (2001: 42) "*o estudo do ser humano é o estudo de atores morais, ou seja, de pessoas que agem na base de seus próprios valores e disposições- daí ser impossível adotar uma postura distante no processo de compreensão da ação humana*".

Se a fundação e o funcionamento das ciências sociais é diferente das demais ciências, o efeito prático do saber adquirido também deve ser (RIBEIRO, 2003). Esse mesmo autor nos lembra a metáfora do grande cineasta italiano Federico Fellini (1920-1933), onde perguntado, certa vez, sobre a inspiração para seus filmes ele respondeu que para imaginar seus filmes, não via filmes. Fontes externas a seu mundo imediato serviam-lhe de inspiração. Talvez buscar na literatura, um território de formação docente seja fazer como Fellini.

Costa (2005) nos diz que as perguntas que mobilizam quem pesquisa, removem todo o campo dos saberes e deixam tudo em aberto, num misto de incerteza e promessa. É mais ou menos isso que esperamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Ofício de mestre**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARCELOS, Valdo. **Texto Literário e Ecologia**: a contribuição das idéias de Octávio Paz às questões ecológicas contemporâneas.(Tese de doutorado). UFSC, 2001.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2003.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.
- _____. **Culturas Híbridas**. São Paulo. EDUSP, 2003.
- COUTO, M. **O outro pé da sereia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.
- COSTA, Marisa Vorraber. **Velhos temas, novos problemas- a arte de perguntar em tempos pós-modernos**. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweis (orgs.). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro. ZAHAR EDITORES, 1979.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis. NUP-UFSC, 1998.
- _____. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação-ANPEd**. Editores Associados, Campinas-SP. N.23, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 16ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**. 7ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- _____. **A importância do ato de ler**. 29ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- KRAMER, Sônia. **Alfabetização**: leitura e escrita.Paulo: Ática, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LUFT, Lya. **Perdas & ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Mulher no palco**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 1997.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Portugal: Porto, 1992.

_____. **Vidas de professores**. 2.ed. Portugal: Porto, 1995.

RIBEIRO, Renato Janine. **A universidade e a vida atual**: Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático**. In: GAMBOA, Silvio Sanches; FILHO, José Camilo dos Santos. Pesquisa educacional: qualidade-quantidade. 4ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Maurício. **Repensando a leitura na escola**: um outro mosaico. 3ª ed. Niterói: EdUFF, 2002.

TEIXEIRA COELHO. **Moderno pós-moderno**. São Paulo. ILUMINURAS, 2005.

_____. **Guerras Culturais**. São Paulo. ILUMINURAS, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes & formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

[1] Perissé (2006) fala que a leitura pode e deve ser realizada com os cinco sentidos: visão (para a decodificação das palavras), tato (manipular o livro), olfato (sentir o cheiro das páginas) e paladar (ao molhar o dedo na saliva para folhear o livro...).